



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Mãe é Poesia

Um tributo poético às mães

Organização
Iba Mendes



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Mãe é Poesia

Um tributo poético às mães

Pesquisa e seleção

Iba Mendes

Poesia temática: "Mãe"

Livro Digital nº 999 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Poesia - Literatura Brasileira e Portuguesa.

Iba Mendes
(1970)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes



Dedicado à minha adorável mãezinha

BÁRBARA

Minha eterna rainha.



UMA PALAVRA

Dentre os temas mais comuns que inspiram os poetas, a figura da mãe desempenha um papel de grande destaque. Seja como rainha, santa ou anjo, seu nome aparece sempre associado ao sublime e ao sagrado, sendo poeticamente retratado como o exemplar modelo de todas as virtudes: do amor incondicional, da paciência, da ternura, da abnegação, do perdão, do sacrifício, da essência divina, enfim...

Os poemas aqui reunidos, escritos em distintas épocas e por uma gama variada de poetas, são o resultado de exaustiva pesquisa, fruto único do meu interesse em contribuir para a preservação da maravilhosa chama maternal, sem a qual não existiria humanidade.

Para sua organização, observei apenas o critério temático e, portanto, não levei em conta a subjetividade daquilo que se convencionou como “poesia de qualidade”, com suas métricas e regras de versificações. A mãe e apenas ela me interessou... Nada além...

É isso!

IBA MENDES
São Paulo, 06 de maio de 2019.

DE JOELHOS

FLORBELA ESPANCA

Livro de Mágoas, 1919.

Bendita seja a Mãe que te gerou.
Bendito o leite que te fez crescer
Bendito o berço aonde te embalou
A tua ama, pra te adormecer!

Bendita essa canção que acalentou
Da tua vida o doce alvorecer...
Bendita seja a Lua, que inundou
De luz, a Terra, só para te ver...

Benditos sejam todos que te amarem,
As que em volta de ti ajoelharem
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser
Alguém, bendita seja essa Mulher,
Bendito seja o beijo dessa boca!!



MATER

B. LOPES

Mater amabilis
Mater admirabilis,
Mater dolorosa:

Chega-me o pranto, foge-me a calma,
Quando suponho teu termo breve:
Antes eu quero que Deus me leve,
Mãe de minha alma!

Tu, que és da lágrima o ermo diamante.
O solitário cristal da Dor,
Vives cravada, pura e brilhante,
No meu Amor!

És do que foste quase que nada:
Hoje os teus olhos e o teu cabelo
Vivem cobertos de névoa e gelo,
Mãe adorada!

Eu que, não raro, canto a candura,
Tão poucas vezes falo de ti!...
É que eu te tenho como hóstia pura
Guardada aqui...

Por que te afogas em prece tanta,
Lendo os Breviários e os Evangelhos?
Ah! não magoes os teus joelhos,
Que tu és Santa!

Eu — só no estado de Graça Plena
Desenhar posso tua feição,
Sobre uma hóstia, molhando a pena
No coração.

Eucaristia deste sacrário...
Talvez eu beije teus frios ossos,
Quando finarem-se os Padre-nossos,
Do teu rosário!

Fechem-me os olhos na primavera,
Na flor da vida, meu doce Bem;
Fechem-me os olhos!... Oh! mãe, espera,
Que eu vou também.

Vida? — é teu filho junto ao teu seio!

Vem sob as minhas asas ativas:
Eu tudo faço por que não vivas
Do pão alheio.

Ícaro — eu de asas armado saio,
Medindo a face do Céu azul;
Mas se não velas por mim, eu caio
Sobre um paul.

Prefiro ver-te, vaso de afetos,
Em noites frias e merencórias,
De boca murcha, contando histórias
Para os teus netos.

Não sei o que outras criaturas pensam
Da que, dorida, lhes deu o ser...
Mãe, eu só penso na tua bênção
Quando morrer.

Deus te reserva do justo a palma;
Mas eu queria ver-te velhinha,
De touca branca, fiando linha,
Mãe de minh'alma!



MATER

OLAVO BILAC
Alma inquieta, 1888.

Tu, grande Mãe!... do amor de teus filhos escrava,
Para teus filhos és, no caminho da vida,
Como a faixa de luz que o povo hebreu guiava
À longe Terra Prometida.

Jorra de teu olhar um rio luminoso.

Pois, para batizar essas almas em flor,
Deixas cascatear desse olhar carinhoso
Todo o Jordão do teu amor.

E espalham tanto brilho as asas infinitas
Que expandes sobre os teus, carinhosas e belas,
Que o seu grande clarão sobe, quando as agitas,
E vai perder-se entre as estrelas.

E eles, pelos degraus da luz ampla e sagrada,
Fogem da humana dor, fogem do humano pó,
E, à procura de Deus, vão subindo essa escada,
Que é como a escada de Jacó.



SER MÃE

COELHO NETO

Ser mãe, é desdobrar fibra por fibra
O coração! Ser mãe é ter no alheio
Lábio que suga, o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
Sobre um berço dormindo! É ser anseio,
É ser temeridade, é ser receio,
É ser força que os males equilibra!

Todo bem que a mãe goza é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!
Ser mãe é ter um mundo não ter nada!
Ser mãe é padecer num paraíso!

À MINHA MÃE

ÁLVARES DE AZEVEDO

Poesias Diversas

És tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida;

No leito solitário és tu quem vela
Trêmulo o coração que a dor anseia,
Nos ais do sofrimento inda mais bela
Pranteando sobre uma alma que pranteia;

E se pálida sonhas na ventura
O afeto virginal, da glória o brilho,
Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em tu saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai dourando:
Pensamento de mãe é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijam passando.

Criatura de Deus, ó mãe saudosa,
No silêncio da noite e no retiro
A ti voa minh'alma esperançosa
E do pálido peito o meu suspiro!

Oh! ver meus sonhos se mirar ainda
De teus sonhos nos mágicos espelhos!
Viver por ti de uma esperança infinda
E sagrar meu porvir nos teus joelhos!

E sentir que essa brisa que murmura
As saudades da mãe bebeu passando!
E adormecer de novo na ventura
Aos sonhos d'ouro o coração voltando!

Ah! se eu não posso respirar no vento,
Que adormece no vale das campinas,
A saudade de mãe no desalento,
E o perfume das lágrimas divinas,

Ide ao menos, de amor meus pobres cantos,
No dia festival em que ela chora,
Com ela suspirar nos doces prantos,
Dizer-lhe que eu também sofro agora!

Se a estrela d'alva, a pérola do dia,
Que vê o pranto que meu rosto inunda,
Meus ais na solidão lhe não confia
E não lhe conta minha dor profunda,

Que a flor do peito desbotou na vida
E o orvalho da febre requeimou-a,
Que nos lábios da mãe na despedida
O perfume do céu abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias
E o júbilo da noite sussurrante,
Só porque a mágoa desnuou meus dias,
E zombou de meus sonhos delirantes,

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quisera
Um momento sequer lhe encher de flores,
Contar-lhe que não finda a primavera
A doirada estação dos meus amores;

Desfolhando da pálida coroa
Do amor do filho a perfumada flor

Na mão que o embalou, que o abençoa,
Uma saudosa lágrima depor!

Sufocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome dela perfumar na lira,
De amor e sonhos coroar seu nome!...



À MINHA MÃE

ÁLVARES DE AZEVEDO
Lira dos Vinte Anos, 1862.

*"Se a terra é adorada, a mãe não é mais
digna de veneração."*

Digest of hindu law

Como as flores de uma árvore silvestre
Se esfolham sobre a leiva que deu vida
A seus ramos sem fruto,
Ó minha doce mãe, sobre teu seio
Deixa que dessa pálida coroa
Das minhas fantasias
Eu desfolhe também, frias, sem cheiro,
Flores da minha vida, murchas flores
Que só orvalha o pranto!



MINHA MÃE

CASIMIRO DE ABREU

Da pátria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,

Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãe! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sozinho com a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— “Oh filho querido do meu coração!” —
— Minha Mãe! —

No berço, pendente dos ramos floridos
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
— Minha Mãe! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?
— Minha Mãe! —

Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as carícias do anjo de amores,
Da estrela brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mãe! —

Por isso eu agora na terra do exílio,
Sentado sozinho com a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— “Oh filho querido do meu coração!” —
— Minha Mãe! —



MINHA MÃE
(*Imitação de Cowper*)

MACHADO DE ASSIS
Poesias Dispersas

*Quanto eu, pobre de mim! quanto eu quisera
Viver feliz com minha mãe também!*

C. A. de Sá

Quem foi que o berço me embalou da infância
Entre as doçuras que do empíreo vêm?
E nos beijos de célica fragrância
Velou meu puro sono? Minha mãe!
Se devo ter no peito uma lembrança
É dela que os meus sonhos de criança
Dourou: — é minha mãe!

Quem foi que no entoar canções mimosas
Cheia de um terno amor — anjo do bem
Minha fronte infantil — encheu de rosas
De mimosos sorrisos? — Minha mãe!
Se dentro do meu peito macilento
O fogo da saudade me arde lento
É dela: minha mãe.

Qual anjo que as mãos me uniu outrora
E as rezas me ensinou que da alma vêm?
E a imagem me mostrou que o mundo adora,
E ensinou a adorá-la? — Minha mãe!
Não devemos nós crer num puro riso
Desse anjo gentil do paraíso
Que chama-se uma mãe?

Por ela rezarei eternamente
Que ela reza por mim no céu também;

Nas santas rezas do meu peito ardente
Repetirei um nome: — minha mãe!
Se devem louros ter meus cantos d'alma
Oh! do porvir eu trocaria a palma
Para ter minha mãe!



MÃE
(De Ghiaroni)

ANA MARIA
(1971)

Mãe! Eu volto a te ver na antiga sala
onde, uma noite, te deixei sem fala,
dizendo adeus como quem vai, morrer.
E me viste sumir pela neblina,
porque a sina das mães é esta sina,
amar, cuidar, criar, depois perecer.

Perder o filho é como achar a morte!
Perder o filho, quando grande e forte,
já podia ampará-la e compensá-la.
Mas nesse instante, uma mulher bonita,
sorrindo o rouba... E a velha mãe aflita
ainda se volta para abençoá-la!

Assim parti e nos abençoaste!
Fui esquecer o bem que me ensinaste;
fui para o mundo me deseducar.
E tu ficaste, num silêncio frio,
olhando o leito que eu deixei vazio,
cantando uma cantiga de ninar!

Hoje volto coberto de poeira
e te encontro quietinha na cadeira,
a cabeça pendida sobre o peito.
Quero beijar-te a fronte... e não me atrevo!

Quero acordar-te, mas não sei se devo!
Não sinto que me cabe esse direito!

O direito de dar esse desgosto
de te mostrar, nas rugas do meu rosto,
toda a miséria que me aconteceu!
E quando vires a expressão horrível
da minha máscara irreconhecível
minha voz rouca murmurar: Sou eu!

Eu bebi nas tavernas dos cretinos!
Eu brandi o punhal dos assassinos!
Eu andei pelo braço dos canalhas!
Eu fui jogral em todas as comédias!
Eu fui vilão em todas as tragédias!
Eu fui covarde em todas as batalhas!

Eu te esqueci! As mães São esquecidas!
Vivi a vida, vivi muitas vidas.
E só agora, quando chego ao fim,
traído pela última esperança;
e só agora, quando a dor me alcança,
lembro quem nunca se esqueceu de mim.

Não! Eu devo voltar, ser esquecido.
Mas... que foi? De repente ouço um ruído!
A cadeira rangeu! É tarde agora!
Minha mãe se levanta, abrindo os braços!
E me envolvendo num milhão de abraços,
rendendo graças, diz: “Meu filho” ... e chora!

E chora! E treme, como fala e ri!
E parece que Deus entrou aqui,
em vez do último dos condenados!
E o seu pranto, rolando em minha face,
quase é como se o Céu me perdoasse,
me limpasse de todos os pecados!

Mãe, nos teus braços eu me transfiguro!

Lembro que fui criança, que fui puro!
Sim! Tenho mãe! E esta ventura é tanta
que eu compreendo o que significa.
O filho é pobre, mas a mãe é rica!
O filho é homem, mas a mãe é santa!

Santa que eu fiz envelhecer sofrendo,
mas que me beijas, como agradecendo
toda a dor que par mim te foi causada!
Dos mundos onde andei, nada te trouxe!
Mas tu me olhas num olhar tão doce
que, nada tendo, não te falta nada.



SOBRE O TÚMULO DE UMA MÃE

EMÍLIO DE MENEZES
Últimas Rimas

Se alguém compreende a mágoa que te oprime
Não n'a compreende mais do que a compreendo.
Mágoa que o pranto, às vezes, não n'a exprime
Mas que num riso, às vezes, se está vendo!...

Deixa, porém, que paire a alma sublime
Daquela santa sobre o mundo horrendo!
Que ela te ampare contra o mal e o crime,
Ao teu futuro bênçãos estendendo.

Vejo-te a rir, amigo, mas no brilho
Do teu olhar eu leio todo o inferno
Do teu celeste coração de filho!

Ri comigo! Eu também num riso eterno
Sigo da vida o doloroso trilho,
Sem o guia imortal do amor materno!

MÃE

ANTERO DE QUENTAL

Mãe — que adormente este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas até o fio
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sítio mais sombrio...
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
Minha estéril ciência, sem receio,
E em débil criancinha me tornava,

Descuidada, feliz, dócil também,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

MINHA MÃE

GUERRA JUNQUEIRO

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caía mansa a noite; e andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era a hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impávido lebréu.

Vinham-nos da montanha as canções das ceifeiras,
E a Lua branca, além, por entre as oliveiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao Céu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a Lua subir, muda, alumando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo ao Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as mágoas...
Pelos míseros que entre os uivos das procelas
Vão em noite sem Lua e num barco sem velas
Errantes através do turbilhão das águas.
O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudez um pano do seu manto,
Para toda a miséria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...
.....
A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo de oliveira.

ADEUS, MÃE!

ALMEIDA GARRETT
Folhas Caídas, 1853.

— “Adeus, mãe! adeus, querida
Que eu já não posso com a vida

E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus lábios aos meus
E recebe o último adeus
Neste suspiro... Não chores
Não chores: aquelas dores
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus lábios aos meus...
Um beijo — um último... Adeus!”

E o corpo desanimado
No colo da mãe caía;
E ela o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E quase a sorrir, dizia:
“Que tem este filho agora,
Que tanto pesa? Não posso...”
E uma a uma, osso por osso,
Com a mão trêmula tenta
As mãozinhas descarnadas,
As faces cavas, mirradas,
A testa ainda morna e lenta.
“Que febre, que febre!” diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que há mau lhe ocorreu,
Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do Norte
O sono traidor da morte
Engana o desfalecido
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvaído
De tão longo padecer,
Já não há no coração
Da mãe força de sentir;

Não tem já lume a razão
Senão só para a iludir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda ver a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a salmear!...
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortilhar.

E os anjos cantavam:
"Aleluia!"
E os santos clamavam:
"Hosana!"
Ao triste cantar da Terra
Responde o cantar do Céu;
Todos lhe bradam: "Morreu!"
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ela ainda a acalantar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais conforto,
Mais sossego neste mundo
Que o jazigo úmido e fundo
Onde há de ir a sepultar.

Levai, ó anjos de Deus,
Levai essa dor aos Céus.
Com a alma do inocente
Aos pés do Juiz Clemente
Aí fique a santa dor
Rogando à Eterna Bondade
Que estenda a imensa piedade

A quantos pecam d'amor.



BELEZA

ALMEIDA GARRETT

Folhas Caídas

Vem do amor a Beleza,
Como a luz vem da chama.
É lei da natureza:
Queres ser bela? — ama.

Formas de encantar,
Na tela o pincel
As pode pintar;
No bronze o buril
As sabe gravar;
E estátua gentil
Fazer o cinzel
Da pedra mais dura...
Mas Beleza é isso? — Não; só formosura.

Sorrindo entre dores
Ao filho que adora
Inda antes de o ver
— Qual sorri a aurora
Chorando nas flores
Que estão por nascer —

A mãe é a mais bela das obras de Deus.
Se ela ama! — O mais puro do fogo dos céus
Lhe ateia essa chama de luz cristalina:

É a luz divina
Que nunca mudou,

É luz... é a Beleza
Em toda a pureza
Que Deus a criou.

A MÃE E O FILHO MORTO

BULHÃO PATO

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia,
E nos braços o apertava!
O coração que batia
Era o dela, e não do filho
Que lá do sono da morte
Havia instante dormia.

Olhei e fiquei absorto
Na dor daquela mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto!
Rezava, e do fundo d'alma!
E enquanto a infeliz rezava
O pobre infante esfriava!

Quando gelado o sentira,
O grito que ela soltou,
Meu Deus! — que dor expressou!

Pensei então: — A mulher
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,
Na fervorosa oração
Basta que possa dizer:
— Tive um filhinho. Senhor.
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer!?

MÃE E FILHO

TOBIAS BARRETO

Dias e Noite, 1881

Menino, que ao céu revoa
Levado por mão de santa;
Junto a Deus a luz o espanta,
Quer chorar e Deus sorri...
Neste abandono celeste,
No vago de uma lembrança,
Mãe!... balbucia a criança,
E um anjo canta: ei-la aqui!

Súbito o triste inocente
Se lança meigo e choroso
No branco seio amoroso
Que ali outra mão conduz;
A mãe e o filho abraçados
Se prostram na imensa alfombra,
Ela... com medo da sombra
Ele... com medo da luz!!...

MAMÃ

ANTÔNIO NOBRE

Despedidas, 1902

Toda a Paz, todo o Amor, toda a Bondade,
Toda a Ternura que de ti me vêm,
Amparam-me esta triste mocidade
Como nos tempos em que tinha Mãe.

Quanto eu te devo! Ódios, impiedade,
Indignações e raivas contra alguém,
Loucuras de rapaz, tédios, vaidade,
Tudo isso perdi — e ainda bem!

Salvaste-me! Trouxeste-me a Esperança!
Nunca ma tires não, linda criança,
(Linda e tão boa não o farás, talvez!)

Pois que perder-te, meu amor, agora,
Ai que desgraça horrível! isso fora
Perder a minha Mãe, segunda vez.



MAMÃ

ANTÔNIO NOBRE

Toda a Paz, todo o Amor, toda a Bondade,
Toda a Ternura que de ti me vêm,
Amparam-me esta triste mocidade
Como nos tempos em que tinha Mãe.

Quanto eu te devo! Ódios, impiedade,
Indignações e raivas contra alguém,
Loucuras de rapaz, tédios, vaidade,
Tudo isso perdi — e ainda bem!

Salvaste-me! Trouxeste-me a Esperança!
Nunca ma tires não, linda criança,
(Linda e tão boa não o farás, talvez!)

Pois que perder-te, meu amor, agora,
Ai que desgraça horrível! isso fora
Perder a minha Mãe, segunda vez.

MÃE?!

HEMETÉRIO DOS SANTOS

Frutos Cadivos, 1919

E negas ao teu filho o próprio leite,
Alma de rude e brônzeo coração...
Brutal assim, não há quem desrespeite
Tão pura e tão singela condição.

A pedra o musgo cria, sem que enjeite
O pesado labor da criação;
Do ser pequeno ao grande, o só deleite,
Mas no produto está que na paixão...

Só tu te abrasas, firme no furor
De eternamente amar, deixando em flor
O sentido carnal apercebido.

Olha, toma o teu filho; e os teus desejos
Se resumam em pô-lo envolto em beijos,
No teu carinho quente adormecido.

ALGUÉM

GONÇALVES CRESPO

Para alguém sou o lírio entre os abrolhos
E tenho as formas ideais do Cristo,
Para alguém sou a vida, a luz dos olhos
E, se na terra existe, é porque existo.

Esse alguém, prefere ao namorado

Cantar das aves, minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado,
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite reclino e deito,
Melancólico, triste e fatigado,
Esse alguém abre as asas no meu leito,
E meu sono desliza perfumado.

Chovem bênçãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! Esse alguém
É de meus dias a esplendente aurora
És tu, doce velhinha, oh! minha mãe!



MÃE

GONÇALVES CRESPO

Ela velava perto
Do filho, que dormia,
E cândida sorria
Ao lírio entreaberto.

Da lua um raio incerto
No quarto se pendia;
E a mãe olhava o dia
E a luz do seu deserto.

No berço flutuante
Moveu-se agora o infante
E acorda pranteando...

Não há quadro mais belo
Que a mãe, solto o cabelo,
O filho acalentando!

BEATA VISIO

WENCESLAU DE QUEIROZ

Bendita sejas, ó minha mãe, ó mãe celeste,
Que, no retiro de minha vida atormentada,
Inda apareces, pálida santa angustiada,
Dando-me a bênção daquele olhar com que morreste...

Mas, ai! de balde busco beijar-te a clara veste,
Pois, mal de opala jaspeia o céu a madrugada,
Tu, como Vésper no azul do oriente desmaiada,
Empalideces e, triste, vais como vieste...

Então, de joelhos, braços em cruz, fico rezando,
Como rezava, no alto Carmelo, Santo Elias,
Quando entre arcanjos Nossa Senhora viu passando...

Bendita sejas dos meus pecados na árdua guerra!
Bendita sejas nas minhas tristes alegrias!
Bendita sejas assim no céu como na terra!

LENDA MALAIA

MARTINS FONTES

Ela era pobre, ela era velha e feia,
Mas seu filho queria-lhe. Uma fada
Lhe disse, certa vez: — A Água encantada
Do Padã tudo aclara e aformoseia.

E ela, na água lavando-se, em sereia
Aparece, de súbito, mudada.

E a pele que trazia, encarquilhada,
Tira e despreza, inútil, sobre a areia,

Corre ao casebre. Mas seu filho a estranha
Diante daquela mutação tamanha.
Não a conhece mais, logo a repele.

E ela despiu a que era de ouro e rosa,
E voltou a vestir a antiga pele,
Preferindo ser mãe a ser formosa.



MINHA MÃE

MARTINS FONTES

Beijo-te a mão, que sobre mim se espalma
Para me abençoar e proteger,
Teu puro amor o coração me acalma;
Provo a doçura do teu bem-querer.

Porque a mão te beijei, a minha palma
Olho, analiso, linha a linha, a ver
Se em mim descubro um traço de tua alma,
Se existe em mim a graça do teu ser.

E o M, gravado sobre a mão aberta,
Pela sua clareza, me desperta
Um grato enlevo, que jamais senti:

Quer dizer — Mãe! este M tão perfeito,
E, com certeza, em minha mão foi feito
Para, quando eu for bom, pensar em ti.



MÃE, MINHA MÃE! MAMÃE!

MARTINS FONTES

Beijo o teu nome quando o leio, quando
O escuto, e, por milagre, ao seu solfejo,
Com os olhos ouço a sílaba cantando,
Ou, pelo ouvido, iluminante, a vejo!

Sinto, ao seu surdinar, límpido e brando
Qualquer coisa ideal, como o branquejo
De uma chuva de pétalas, em bando,
De milhares de pombos, em voejo!

Mãe! Minha mãe! Mamãe! Beijo-te a face,
Mas sem nunca te amar, quando desejo,
Quanto me amas, por muito que sonhasse!

Tenho sempre a ilusão, se te festejo,
De que é o teu beijo que beijasse
O meu beijo, beijando-se em teu beijo!



MÃE!

BASTOS TIGRE

Mãe! Que nome haverá de igual doçura
Assim, tão breve e de harmonia tanta!
É a primeira oração que se murmura,
Vêm-nos do coração para a garganta.

Ao dizê-lo, a nossa alma se levanta
Em demanda dos céus, de infinita altura.
Mãe! Palavra tão leve, etérea e pura
Que ao próprio Deus ouvi-la apraz e encanta.

Mãe! Beijá-flor, se a criança balbucia;

Depois é auxílio, proteção, confiança,
Como a estrela polar que aos nautas guia.

E sempre amor, que de sofrer não cansa;
Mãe! Nome-luz que a Mãe das mães-maria,
Na terra nos deixou coro lembrança.



MÃE E FILHO

JOÃO DE DEUS
Campo de Flores, 1896.

Primícias do meu amor!
Meu filhinho do meu seio
Tenro fruto que à luz veio
Como à luz da aurora a flor!

Na tua face inocente,
De teu pai a face beijo,
E em teus olhos, filho, vejo
Como Deus é providente;

Via em lâmina dourada
O meu rosto todo o dia,
E a minha alma não havia
De a ver nunca retratada?

Quando o pai me unia à face
E em seus braços me apertava,
Pomba ou anjo nos faltava
Que ambos juntos abraçasse!

Felizmente Deus que o centro
Vê da Terra e vê do abismo,
Que bem sabe no que eu cismo,
Na minha alma um altar viu dentro:

Mas com lâmpada sem brilho,
Sem o deus a que era feito...
Bafeja-me um dia o peito,
E eis feito o meu gosto, filho!

Como em lágrimas se espalma
Dor íntima e se esvaece
De alma o resto quem pudesse
Vazar todo na tua alma!

Mas em ti minha alma habita!
Mas teu riso a vida furta...
Mas que importa! (morte curta!)
Se um teu beijo ressuscita!

É BONITO SENTIR...

ANTÔNIO BOTTO

É bonito sentir e ouvir dizer
"vou ver a minha Mãe". A minha Mãe
fez tudo quanto eu sou para vencer
e ter da vida o bem que à vida vem.

Àquele que assim pensa deve ter
os direitos que deve ter alguém.
Sem Mãe, Jesus, nunca podia ser
o amparo do Mundo, a Luz do Bem.

Quando lhe morre um filho a sua dor
não é igual à dor de mais ninguém
porque nasceu do seu divino amor.

Nome de Mãe, — Grandeza de um país.
E quem não a perdeu, se ainda a tem,

é sempre uma pessoa feliz.



MÃE

MÁRIO DE ANDRADE

Existirem mães,
Isso é um caso sério.
Afirmam que a mãe
Atrapalha tudo,
É fato, ela prende
Os erros da gente,
E era bem melhor
Não existir mãe.

Mas em todo caso
Quando a vida está
Mais dura, mais vida,
Ninguém como a mãe
Pra aguentar a gente
Escondendo a cara
Entre os joelhos dela.
— O que você tem?...
Ela bem sabe
Porém a pergunta
É pra disfarçar.
Você mente muito.
Ela faz que aceita,
E a desgraça vira
Mistério pra dois.
Não vê que uma amante
Nem outra mulher
Entende a verdade
Que a gente confessa
Por trás das mentiras!

Só mesmo uma mãe...
Só mesmo essa dona
Que apesar de ter
A cara raivosa
Do filho entre os seios,
Marcando-lhe a carne,
Sentindo-lhe os cheiros,
Permanece virgem,
E o filho também...
Oh, virgens, perdi-vos,
Pra terdes direito
A essa virgindade
Que só as mães têm!

À MINHA MÃE

MARQUESA DE ALORNA
Poemas de Alcipe, 1927.

Natureza! Quais leis dificultosas
Ao brando coração meu impuseste!
A quais devo seguir, com quais quiseste
Subjugar as paixões imperiosas?

Quando escuto da Mãe vozes queixosas,
Que me pedem a filha que me deste,
Arranco-a do meu peito a que a prendeste,
Sem ver deste as feridas sanguinosas.

Mas apenas cedi, mais alto bradas,
E do materno amor golpe violento
As entranhas deixa-me laceradas.

Se a não largo, qual é o meu tormento!
Se lha dou, quantas horas desgraçadas!

Bárbara lei, difícil vencimento!



A MÃE

LUÍS DELFINO

Algas e Musgos, 1927.

Tinha uma graça infinda... uma estranheza
Na cor do rosto fina e desmaiada;
Um toque de ouro na imortal beleza...
E a noite, enfim, dos olhos estrelada!

Uma gorda criança pendurada
À mama chupa em langue morbidez,
E, entre a opala e o rubor de aurora acesa,
Sai-lhe o bico da boca entrecerrada.

Uma das mãos já tímida e vermelha
Suspende e abraça o filho; a outra semelha
Na brancura, que um leve azul tempera,

Obra de arte, que um chim pintasse em louça,
Enquanto dentro, — em cada olhar da moça, —
Nada em luz, canta e ri uma Quimera.



À ALMA DE MINHA MÃE

AUTA DE SOUZA

Partiu-se o fio branco e delicado
Dos sonhos de minh'alma desditosa...
E as contas do rosário assim quebrado
Caíram como folhas de uma rosa.

Debalde eu as procuro lacrimosa,
Estas doces relíquias do Passado,
Para guardá-las na urna perfumosa,
Do meu seio no cofre imaculado.

Aí! se eu ao menos uma só pudesse
Destas contas achar que me fizesse
Lembrar um mundo de alegrias doidas...

Feliz seria... Mas minh'alma atenta
Em vão procura uma continha benta:
Quando partiste m'as levaste todas!



MINHA MÃE

GUILHERME DE ALMEIDA
(Tradução)

Se eu fosse enforcado no mais alto morro,
eu sei que um amor me viria em socorro;

se eu fosse afogado no mar mais profundo,
eu sei que uma lágrima iria até o fundo;

se eu fosse maldito de corpo e alma, um dia,
eu sei que uma prece me redimiria.

Tu, minha mãe! Ó tu, minha mãe!



AS MÃES

MÚCIO TEIXEIRA

Ó Mães! da Mãe de Deus vós despertais lembranças,
Nessa augusta missão — tão cheia de poesia;

Quando embalais ao colo as tímidas crianças,
Eu penso ver Jesus nos braços de Maria!

Vós sois uns anjos bons! de amor e de piedade
Tendes um ninho em flor nos seios virtuosos;
— Nos filhos refletis a vossa felicidade,
Como em límpido espelho os corpos luminosos.

Vós sois a inspiração primeira dos poetas,
Vós sois o pensamento extremo dos doentes.
Quem antes osculou a fronte dos profetas,
Vindo a cerrar mais tarde os olhos dos videntes?...

Ó Mães! de minha Mãe vós me trazeis lembranças...
Encheis-me de saudades!... Eu amo-vos por isto,
Quando embalais, cantando, aos seios as crianças,
Eu sonho ver Maria acalentando o Cristo!...

Meu Deus! não sei dizer o que há de mais unguido
De bálsamos do céu, se há mais sublime coisa
Que a Mãe que embala ao berço o filho adormecido,
Ou se o filho que reza ante a materna lousa!...



À MINHA MÃE

LEONOR POSADA
Plumas e Espinhos, 1926.

I

Minha Mãe, minha límpida alegria!
Com que orgulho ante os mais eu te proclamo
minha Santa entre toda a liturgia,
do Bem piedoso e perfumado ramo!

Para o amargor do pranto que derramo,
tens sido, Mãe, a mão que acaricia;

e nas ingratidões, em que me enramo,
do sol a doce e deslumbrante estria...

Bela entre as belas, Mãe, tua nobreza
faz do meu Sonho a comovida presa
e os que te cercam, de fulgor fascina...

Pudesse eu te mostrar a todo o mundo
com esse orgulho sem par, grande e profundo,
de Mãe que mostra a filha pequenina...

II

Sempre ocultei meus versos torturados
dos teus olhos de Mãe — perscrutadores!
Eram feitos e em lágrimas banhados
e amargavam com o fel de muitas dores.

Eu, que tinha no rir tantos fulgores
e tanta luz nos olhos deslumbrados,
como mostrar-te, Mãe, meus dissabores
e meus anseios tão mal compensados

Por isso eu tos vedava... Mas agora
dou-tos e sabe Deus como a alma chora
ao desvendar-te tudo quanto fiz;

pois lendo-os, perderás (e eu não queria
toldar uma só vez tua alegria)
— a ilusão de que sempre fui feliz!...



MINHA MÃE

LUÍS DA GAMA

Era mui bela e formosa,
Era a mais linda pretinha,

Da adusta Líbia rainha,
E no Brasil pobre escrava!
Oh, que saudades que eu tenho
Dos seus mimosos carinhos,
Quando com os tenros filhinhos
Ela sorrindo brincava.

Éramos dois — seus cuidados,
Sonhos de sua alma bela;
Ela a palmeira singela,
Na fulva areia nascida.
Nos roliços braços de ébano.
De amor o fruto apertava,
E à nossa boca juntava
Um beijo seu, que era a vida.

Quando o prazer entreabria
Seus lábios de roxo lírio,
Ela fingia o martírio
Nas trevas da solidão.
Os alvos dentes nevados.
Da liberdade eram mito,
No rosto a dor do aflito,
Negra a cor da escravidão.

Os olhos negros, altivos,
Dois astros eram luzentes;
Eram estrelas cadentes
Por corpo humano sustidas.
Foram espelhos brilhantes
Da nossa vida primeira,
Foram a luz derradeira
Das nossas crenças perdidas.

Tão terna como a saudade
No frio chão das campinas,
Tão meiga como as boninas

Aos raios do sol de abril.
No gesto grave e sombria,
Como a vaga que flutua,
Plácida a mente — era a Lua
Refletindo em Céus de anil.

Suave o gênio, qual rosa
Ao despontar da alvorada,
Quando treme enamorada
Ao sopro d'aura fagueira.
Brandinha a voz sonora,
Sentida como a Rolinha,
Gemendo triste sozinha,
Ao som da aragem faceira.

Escuro e ledó o semblante,
De encantos sorria a fronte,
— Baça nuvem no horizonte
Das ondas surgindo à flor;
Tinha o coração de santa,
Era seu peito de Arcanjo,
Mais pura n'alma que um Anjo,
Aos pés de seu Criador.

Se junto à cruz penitente,
A Deus orava contrita,
Tinha uma prece infinita
Como o dobrar do sineiro,
As lágrimas que brotavam,
Eram pérolas sentidas,
Dos lindos olhos vertidas
Na terra do cativeiro.



A MÃE

GUILHERME DE AZEVEDO

A Alma Nova, 1874.

Eu canto-vos, mulher, porque vos tenho visto
Na pálpebra vermelha a lágrima de amor,
Que vem de Eva a Maria — a doce mãe de Cristo —
Formando a estalactite imensa duma dor!

Oh, quantas vezes já na aldeia miserável
Nas tristezas do campo, às portas dos casais,
Vos tenho surpreendido, em êxtase adorável,
Enquanto os filhos nus ao peito conchegais!

A fria noite chega. Os maus, de boca cheia,
Rebolam-se na terra: ainda pedem pão!
Com eles repartis a vossa parca ceia;
E vendo-os a dormir podeis sorrir então.

De inverno quase sempre as noites são mordentes.
Uivam lobos na serra: o vento uiva também:
Mas eles vão dormindo os longos sonos quentes,
Enquanto a vil insônia oprime a pobre mãe!

Tendes sustos cruéis. Temendo que lhes caia
A roupa que os abafa, aos pobres acudis;
E aninhando-os melhor nas vossas velhas saias
Podeis então dormir um tanto mais feliz.

Mulher quanto é suave e longo esse poema
Quanto é preciso ó mãe, no trânsito cruel,
Que vossa alma estremeça e o vosso peito gema
A fim de que em vós brilhe o mais alto laurel!

Quem é que nunca viu, na rua, a cada passo,
A pálida mulher que rompe a multidão,
Trazendo agasalhado, um filho no regaço,

E aos tombos, muita vez, um outro pela mão?!

Nos frios do lajedo, às vezes, pede esmola
Às portas dos cafés: ninguém a quer ouvir:
E a ela qualquer côdea a farta e a consola
Contanto que sem fome os filhos vão dormir!

E enquanto à luz do gás a turba prazenteira
No fumo dos festins revoa em turbilhão,
Quantos dramas cruéis nas úmidas trapeiras;
Nos campos quantas mães sem roupas e sem pão?!

E sempre a mesma lenda, a mesma história antiga:
Do palácio à cabana o vosso doce olhar,
Nas insônias cruéis, na fome ou na fadiga,
Dum raio criador o berço a iluminar!

No entanto à doce mãe, se aquele amor sem termo,
Da moda traja agora os novos ouropéis,
E o vosso coração já gasto e um pouco enfermo,
Sofrendo se dilui nos ideais cruéis;

Nas vagas pulsações dumas recentes ânsias,
Se aquela santa flor das grandes comoções,
Apenas tem lugar nas vossas elegâncias,
Como um enfeite de mimo amado nos salões;

Na corrente fatal que ao longe arrasta os povos,
Se o vosso grande afeto intenta erguer-se mais,
Sonhando a sagração dos heroísmos novos,
Resplendente de luz; vistosa de metais:

Aos reflexos do gás, ó mãe, abri passagem
Por entre a saudação das alas cortesãs,
Levando as seduções da vossa doce imagem
Aos delírios da noite, às ceias das manhãs!

Surgi do canto obscuro aonde o casto seio
Palpita ingênuo e bom na paz da solidão,
E o vosso amor levai à ópera e ao passeio
A fim de que ele arranque um bravo à multidão!

E eu hei de rir ao ver que o peito onde um tesouro
Maior do que nenhum podemos encontrar,
Intenta seduzir pela medalha de ouro
Que aos pequenos heróis os reis costumam dar!

Arcanjo vai-te embora: é tarde: em nossas casas
Talvez alguém se aflija; é tão deserta a rua!...
Tu deves sentir frio! Embuça-te nas asas:
Dá saudades à lua.

Um beijo em cada estrela!... Espera que eu sou louco!
Sonhei devo pagar: perdão anjo dos céus!
Agora tem cuidado; o céu escorrega um pouco:
Boas noites adeus!



MÃE
(*A Magalhães Castro*)

AFONSO CELSO JÚNIOR
Devaneios, 1876.

I
Minh'alma quando pensa
Na vida atribulada,
Na chama acerba, intensa
Da luta amargurada,

E vê a luz da crença
De nuvens circundada,
Morrer na treva densa

Da magoa desvairada,

Delira e desespera
Sem ar, sem luz, sem norte
Mais triste do que Jó:

Só nutre uma quimera
— Que a mão da negra morte
Transforme tudo em pó!

II

Mas logo um doce eflúvio
Meu ser inteiro invade:
Sossega a tempestade
Se apaga o meu Vesúvio;

Termina a escuridade
Que foge num deflúvio
E eu nado num dilúvio
De grata claridade!

Então tudo serena:
Ressurge a estrela amena
Num céu azul sem fim:

— É ela a mãe cuidosa
Que reza fervorosa
Pedindo à Deus por mim!

III

Nas asas da lembrança
Me vem seu pensamento:
Transmite-me a esperança
Me infunde o brando alento!

Então nesse momento
Que crença pura e mansa!

Que meigo sentimento
Que paz e que bonança!

E nossas duas almas
Saudosas, porém calmas
E unidas na oração,

Em místico abandono
Se protram junto ao trono
Do Deus da Criação!

IV

Depois.... a nossa lida
De novo recomeça:
Da crença na promessa
Repousa a incerta vida,

E a prece que não cessa
De ser reproduzida
Me deixa luz querida
No seio d'alma, impressa!

Então choro sozinho
Por ela que distante
No seu contente lar,

Não sabe do carinho
Que em preito delirante
Minh'alma lhe quer dar!

V

Mas breve, em curtos dias
Oh céus! posso abraçá-la
E ouvir-lhe a doce fala:
Que santas alegrias!

Fugi melancolias

Que o riso me avassala,
Vesti roupas de gala
Serenas fantasias.

Depois de longa ausência
Ditosos nos veremos!
— Folgai anseios meus! —

— E em terna confiança
Contentes rezaremos
Orando ao Santo Deus!...



À MINHA MÃE

AFONSO CELSO JÚNIOR

Prelúdios, 1876.

Mãe... nome meigo, qual é meigo o aroma
Suave e brando da mimosa flor;
Mãe... bela estrela que no céu assoma,
Mostrando sempre divinal fulgor!

Farol fulgente que, no mar da vida,
Nos mostra o porto que bonança tem.
Quando na vaga do tufão batida
O nauta implora salvação — além!

Anjo que sempre que encontramos penas,
Cardos, espinhos, sofrimento e dor,
Com falas ternas, sem iguais, amenas,
Mitiga a sorte que só tom rigor!

Oh! como é doce, que meiguice encerra,
Um puro beijo entre sorrisos seus.
Aqui no mundo, no viver, na terra,

Parece afago de bondoso Deus!

E sempre um raio de sem fim magia
Na fronte sua perenal transluz,
Quer ela sofra, qual sofreu Maria,
Quando em torturas viu morrer Jesus!

Tu, que guiavas meus trementes passos,
Nos belos dias do infantil viver,
Me estende sempre, minha Mãe, teus braços,
Que dentro d'alma só terei prazer!

A ti dedica seus humildes cantos
Quem te venera com amor sem fim;
Dá-lhe um sorriso no sofrer, nos prantos,
Que as magoas suas cessarão — oh! sim!



SAUDADE ETERNA

(À memória de minha mãe Ana Santos)

ERNANI DOS SANTOS

(1905)

Deixai da dor vibrar sentida corda
Para exprimir o luto ardente d'alma!
E que entre os mortos busque a doce calma
O lenitivo o pranto que a transborda!

Tombou no leito frio, aonde eu via,
Mãe desvelada, amante e carinhosa,
De cuja boca ouvia a voz morosa
E em cujo colo, rindo, adormecia!

Tombou para sempre lá no seio eterno
Onde o destino impele atroz, fatal!

A morte vil roubou-lhe o viço externo
Para lhe dar o gelo sepulcral.

Já que a tristeza o peito meu definha,
Lembrança amarga meu viver consterna,
Deixai que inscreva sobre a mente minha
O preito inteiro da saudade eterna.



A MÃE DO CATIVO

CASTRO ALVES
Os Escravos

*Le Christ à Nazareth, atix jours de son enfance
Jouait avec la croix, symbole de sa mort;
Mère du Polonais! qu'il apprene d'avance
A combattre et braver les outrages du Sort.*

*Qu'il couve dans son sein sa colère et sa joie
Qu'il ses discours prudents distillent le venin,
Comme un aime obscur que son coeur se reploie
À terre, à deux genoux, qu'il rampe comme un nain.*

Mickiewicz — *A Mãe Polaca*

I

Ó mãe do cativo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes nesta alma, inda em trevas,
O raio da esperança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria!...

II

Ó Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem termo
Pra que há de sondá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho — desonra, misérias,
A vida nos crimes — a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio reptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látigo vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida — só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte — só cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no tronco...
Depois que adormeça com o sono de um cão.

Criança — não trema dos transe de um mártir!
Mancebo — não sonhe delírios de amor!
Marido — que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio senhor!...

São estes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.
Ó Mãe que balanças a rede selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.



PALAVRAS DE MINHA MÃE

OLEGÁRIO MARIANO

Quando, num dia calmo, eu vim ao mundo,
Minha Mãe-santa e nobre Flor de Lis,
Disse, olhando os meus olhos bem no fundo:
— Meu filho! Hás de ser bom e ser feliz!

No decorrer do tempo, na bravia
Onda humana que ruge e se encapela,
Cada cousa de mal que acontecia,
Eu me lembrava das palavras dela,
E era um gozo infinito o que eu sofria.

Hoje, homem feito, a alma de crenças morta,
Colhendo males pelo bem que fiz,
Inda ouço a mesma voz que me conforta,
Sei a sorte que tenho... mas, que importa?
Quero iludir-me para ser feliz.



MÃE

LEÔNCIO CORREIA
(1911)

I

Mãe! minha mãe! na augusta claridade
Dos teus olhos, tranquilos e radiosos,
Ri-se o céu; e, se o céu não rir, quem há se
Rir, acaso, por olhos tão piedosos?

Como as estrelas, pela imensidade,
Desenrolam-se nele os dons formosos
Dessa alma, e os vejo, mãe, com que saudade!
Com que sabor de beijos lacrimosos!

Sonhei: — em raios de astros, dos azuis
Paços, descendo, um anjo, ao ver-me triste,
Como a casta ninfeia nos paus,

Disse, com um doce, com um divino chiste:
Porque choras, feliz, se ainda possuis
O amor mais santo que na terra existe?

II

Roubem-me o riso, os ramos desflorando
Da vida; e os sonhos roubem-me, que mudo
E frio quedarei ante o que lindo

Era, e tornou-se tenebroso e rude.

Que rinja, e rua, e role, retinindo,
Meu Torreão de Marfim; e, que eu, desnudo
De Fé, mendigue... Do desastre infundo
Ficando o teu amor, fica-me tudo.

Pois que a vida me dando, mãe, me deste
Parte da tua, e o teu amor, que enlaça
Meu ser, como uma faixa azul-celeste,

Sei que darias, com um sorriso doce,
Para salvar teu filho da desgraça,
A própria vida, se preciso fosse...



MÃE

LEÔNICIO CORREIA
(1950)

Mãe! Minha mãe na doce caridade
Dos teus olho tranquilos radiosos
Ri-se Deus: e se Deus não rir, quem há de
Rir, ó Santa, por olhos tão piedosos?

Como as estrelas pela imensidade,
Desenrolam-se nela os dons formosos
Dessa alma: e, os vejo — mãe — com que saudade!
Com que sabor de beijos lacrimosos!

Pois que a vida me dando, mãe, me deste
Parte da tua, e o teu amor, que enlaça
Meu ser, como uma faixa azul-celeste!

Sei que darias, com um sorriso doce,

Para salvar teu filho da desgraça,
A própria vida se preciso fosse...



À MINHA MÃE

JÔNATAS SERRANO
(1903)

Abençoa-me, Mãe; que neste dia,
Talvez o mais feliz de minha vida,
Possa gozar minh'alma embevecida
Tão pura, tão benéfica alegria.

Ao receber-te a bênção comovida,
Eu julgo ouvir, em doce fantasia,
Os coros de uma angélica harmonia,
No céu, longe da terra corrompida.

Abençoa-me, Mãe; eu só desejo
Saber que vivo dentro de teu peito,
Que lá tenho um refúgio; que lá brilho.

E Deus permita que essa mão que beijo,
Cheio de amor e cheio de respeito,
Dirija sempre os passos de teu filho.



MINHA MÃE

MÁRIO LINHARES
(1910)

Há quanto tento, mãe, como em mármore grego,
Teu amor entalhar no bronze de um soneto;

E embalde empunho escopro a força emprego
Para escodar poder o teu imenso afeto.

E luto e luto mais; luto impaciente e inquieto
Para alcançar o fim a que com amor me entrego,
E na febre voraz de que, então, me acometo,
Saio extenuado enfim, vencido, exausto e cego.

E ante o bloco disforme e tosco da Poesia,
Cai-me o rude cinzel da mão nervosa e fria,
Se o teu santo perfil a burilar me inclino.

Não consigo esculpir o teu amor augusto:
Mas dentro da alma tenho erigido o teu busto
Como escultura ideal de um arcanjo divino!



MÃE

ULISSES DINIZ
(1951)

Carinhosa visão, reflexo verdadeiro
Do mais sagrado amor — humanidade e santo,
És para todos nós (exceto os que, no entanto,
Como eu já não te veem) — amparo hospitaleiro!

Encarnação do bem, ao teu mavioso canto
A dor se lenifica; o teu olhar fagueiro
Esparge em nosso ser — um fraternal luzeiro
Que desfaz o sofrer que nos maltrata tanto!

No teu regaço amigo e acolhedor, propício,
Recebes com prazer — no mais estoico exemplo
Um filho pervertido, ingrato ou adventício!

Sem ti, sem teu amor... Ó Mãe! eu te contemplo
Ai! de mim, sofredor, que vivo orfandade,
Pela imaginação, no prisma da saudade!

CONSELHO MATERNO

GALDINO DE CAMPOS
(1927)

Minha mãe, tão pobrezinha,
coitadinha!
não tem nada para me dar;
cada hora dá-me um beijo,
e depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um tesouro
— não é de ouro,
que ele é pobre e nada tem
mas um conselho materno
é um tesouro também.

— “Escuta, filha querida,
minha vida!” —
cada dia ela me diz.
— Ouve a lição que te ensino,
que não serás infeliz:

Da mulher toda a riqueza
é a pureza!
Ó filha, confia em Deus!
Sê casta e boa, que os anjos
Vão te coroar nos céus.

Tua mãe, tão pobrezinha,
coitadinha!

não tem nada para te dar;
dá-te a lição da virtude,
que te repete a chorar!



CARTA À MINHA MÃE

SEBASTIÃO FERNANDES
(1900)

Pura e divina, santa e imorredoura
Hás de sempre viver sublime e calma,
Dentro desta minh'alma sofredora,
Alma bondosa de minha própria alma!

Ó minha Mãe! Ó meu celeste ninho!
Traz-me sempre no teu coração;
Para que eu tenha sempre o teu carinho,
Para que eu beije sempre a tua mão!

Ela que é raio de um clarão profundo
A mim distende-a, pois, ó ser querido,
Para que ela me guie por este mundo
Como uma estrela ao viajor perdido...

Quando anoitece — alma sublimada,
Depois de alar-se pelo firmamento,
Vai repousar, qual ave torturada,
Meu pensamento no teu pensamento!

Ser dos seres em tudo o mais perfeito,
As minhas novas tu relês magoada,
E as tuas cartas guardo-as em meu peito
Como a relíquia um crente em beijos guarda.

Sei que povoam frias soledades

Os nossos corações de dor insanos...
Quanta tristeza, mãe! quantas saudades,
Neste horrível desterro de cinco anos!?

Quero contigo partilhar da lida,
Contigo ir desta existência além...
Tu que foste a alvorada desta vida,
Hás de ser seu crepúsculo também!

Sei que por mim tu velas e que existe
No teu velar um murmurar de prece...
E sou tão cheio de saudade e triste,
O quanto é triste o Mar quando anoitece!

Dá-me, como água fresca ao peregrino,
Para sanar-me da tortura as dores,
O teu amor que é em tudo o mais divino
E o mais puro de todos os amores!...

Fere-me o coração o agudo espinho
Desta saudade que jamais se acalma...
Mas como uma ave no mais casto ninho
Vive a tua alma dentro de minh'alma!

Ai! que nas trevas eu me perderia!
Ai! que seria de meu coração?
Se a mão que me protege e acaricia
Abandonasse minha frágil mão!

Que teus cuidados que me desvanecem
Façam-se em luz que sempre me acompanhe
Quando os afetos falsos desaparecem,
Mais teu afeto cresce, ó minha mãe!

Que deste mundo sempre assim me esquive,
Até que venha o dia em que hei de ver-te...
Basta que saibas que teu filho vive

E que teu filho nunca há de esquecer-te.



DOR SUPREMA

(À minha mãe)

SOARES BULCÃO

Helianthus, 1908.

Tento exprimir, ó mãe, de balde tento
Contar a dor nas sílabas de um verso,
O amor materno, em lágrimas, disperso
Pelo intérmino mar do sofrimento.

Procuro o pranto, o lúgubre lamento,
Tudo o que geme no martírio imerso,
E essa agonia eterna do universo
Não diz o teu sofrer de um só momento!

Sondo da noite os tétricos gemidos;
Ocultos ais dos corações feridos,
A angústia, a pena, o dó que me insinuas...

E esse concerto de ânsias e queixumes,
Capaz de encher milhares de volumes,
Mãe! não vale uma lágrima das tua!



À MINHA MÃE

M. OLIVEIRA

(1912)

Bem singela porém grande e pura
É a palavra mãe que tudo diz

Com ela menos forte é a amargura
É também ela que nos faz feliz.

Voltei os olhos bem para o passado
Com cuidado voltei-os para o futuro
Amor como o do ser por nós amado
Jamais encontrareis tão grande e puro.

Se a dor de um sono calmo te sacode
Ainda que também dores sofrendo
A ti verás em breve ela correndo

E solícita ligeira ela te acode
Na parte dorida a mão pousando
A dor mais que ligeira vai passando.



QUEM AMO
(*À minha mãe*)

ISMAEL COSTA
(1930)

A mulher mais formosa e idealizada,
Que é para mim a imagem da candura,
Que a sorrir desabrocha uma alvorada,
Que e é toda divinal — santa criatura!

Que nos olhos minh'alma desenhada
Tem na retina casta que fulgura,
Que a voz é poesia bem ritmada
Ao som da lira encantadora e pura...

A mulher que me prende e me cativa,
Que me devota o mais sincero amor,
Que vejo quase sempre pensativa,

Por mim entregue a firme adoração,
É minha mãe, a melindrosa flor
Que tenho no jardim do coração.



MINHA MÃE

PIRES FERREIRA
(1908)

De tudo que amo no mundo
Só minha mãe me estremece:
Sorri ao me vê sorrindo,
Se me vê triste entristece.

Só ela minha vida
Me sabe compreender:
Se choro, ela tristonha
Vem o meu pranto beber.

Infeliz de quem não tem
Uma mãe compadecida,
Que sabe chorar com o filho
Às desventuras da vida.

Me negando Deus o amor
Da mulher que inda bendigo,
Deu-me uma mãe carinhosa
Que sabe sofrer comigo.

Sê bendita, ó minha mãe,
Sagrada flor de meu horto!
Vive bem para que eu possa
Achar em ti meu conforto.

Quando a flor da juventude
Fugir-me nos seus arrancos,
 Junto de ti beijarei
Teus lindos cabelos brancos.

E como não será doce
Eu e tu, nós dois juntinhos,
 Vivendo na casa
Como dois tristes velhinhos!

Vive bem, ó minha mãe
Sagrada flor de meu horto,
 Pois enquanto tu viveres
Terei em ti meu conforto.



À MINHA MÃE

ARISTEU SEIXAS
(1928)

Quando em ti penso, mãe, quando
No puro afeto com que a ti me ligas,
 Sinto minh'alma cheia do infinito,
Porque é infinito o amor com que me abrigas.

Venço com ele — talismã bendito —
 Todas as dores, todas as fadigas;
 E à sua sombra confortado habito,
Vendo-te amiga entre as visões amigas.

Brilhas de amor nos sonhos de teu filho,
 Onde apareceu pródiga em carinho.
Como em teus sonhos com saudade brilho.

Vive comigo, velas o meu ninho,

E palmilhas os ermos que palmilho,
Iluminando as curvas do caminho.



ANJO DA GUARDA
(*À minha mãe*)

MÁRIO PAIM
(1897)

Quanta vez contemplando o sórdido monturo:
Mundo sem ideal — jardim sem primavera —
Não tenho a nostalgia estranha doutra esfera
Por onde anda minh'alma em passo mal seguro!!

Mas cheio de ardimento, a soluçar, procuro,
Neste planeta, alguém cuja afeição sincera
Ah! me faça esquecer o país da quimera,
Jorrando intensa luz nas trevas do futuro.

E quanto mais a dor me prostra e me quebranta,
Mais serena ressurge à invocação da mente,
Minha mãe! minha mãe! a tua imagem santa!

Ao menos, vou pensando, um coração existe
Que sorri ao me ver sorrir contentemente
E que chora ao me ver chorar descrente e triste!



MINHA MÃE

EDUARDO VIDAL
(1904)

Era febril! A minha fronte ardia!
...E o delírio de mim se apoderava!

Nestes dias de angústia, neste dia,
Presa de imensa dor — um anjo orava.

Era infeliz! Sem calma suportava!
O sofrimento atroz que me pungia!
E sempre ao lado meu cuidadoso estava
Um anjo a me lenir nesta agonia!

Era feliz! Mostrava-se ditoso
Este anjo que me alenta o me consola...
Este anjo que por mim vela, piedoso!...

É minha mãe aquele anjo clemente
Que triste eu vejo, se o meu pranto rola
E que se alegra quando estou contente



À MINHA MÃE

(*H. Heine*)

EDMUNDO BARROS

Poetas Goianos, 1901.

Num momento de insensatez, outrora,
Fugi de vós: queria aos quatro ventos,
Ir em busca de amor, e, nuns momentos
De delírio, abraçá-lo... E, mundo a fora,

Vou. Mas em vão elevo meus lamentos:
Embora peço-o em lágrimas, embora...
Ante cada solar minh'alma implora!
E dão-lhes só o desprezo e o riso odientos!

Depois de sempre em vão tê-lo buscado
Um dia volto ao lar. Manso descerra
Uma porta. Éreis vós! Mudo e cansado,

Fitei a luz que vosso olhar encerra
E vi, surpreso, o amor tão procurado!
O amor mais puro que encontrei na terra.



MINHA MÃE

GONÇALVES LEITE
(1902)

Criatura sublime que embalou-me
No berço infantil quando pequeno,
Que em desvelos velou-me os sonhos d'anjo
Cantando carinhoso canto ameno.

Que em desvelos sorria quando eu ria
E em prantos se banhava aos meus vagidos,
Sentindo as mesmas dores que eu sentia
Quando ouvia meus choros doloridos.

Criatura sublime, mãe bondosa
Que legou-me da vida a santa luz;
E com ela os sofrimentos de amargores
Que na estrada de abrolhos me conduz.

No sofrer e nas dores agras feras,
Que apunhalam meu peito tão descrente.
Eu vos vejo como via noutras eras
E sofro como um mártir paciente!

Criatura que eu adoro, que venero
No meu peito obscuro, fraco amante;
Estrela radiosa que me guia
Na vereda que sigo vacilante.

Vós sois minha mãe sacros odores,
Doce mel e lenitivo de minh'alma,
Vós sois do meu porvir risonhas flores
E sois do meu passado murcha palma!

Criatura que Deus predestinou
Ao humano Vivente sofredor,
Enchendo o coração bondoso, excelso,
De carinho, de desvelos e de amor.

E nas latas do sofrer o pobre vate
Orvalha estes versos com seus prantos,
E dedica o coração que opresso bate
A vós minha mãe meus fracos cantos!



MINHA MÃE

JÚLIO PERNETA
(1898)

No teu olhar velado, olhar de morta,
Um supremo sorriso inda fulgura;
No cemitério, junto à sepultura
Onde repousas, minha dor aporta.

Soluçando e gemendo, aflita e louca,
Mãe, a Saudade invoca o meu passado...
Um soluço de fogo vem-me à boca,
E tudo abandonado!...

Somente na penumbra da agonia
A vaga sombra de uma cruz plantada
Fere a passagem rútila de um dia,
Dia de Sol da tua sombra amada.

Ai! minha mãe! caminho solitário
Dentro da noite acerba do meu tédio,
Como quem sobe a rampa de um calvário,
Repetindo o epicédio.

De uma saudade antiga e dolorida
Que a nossa alma aos poucos dilacera,
Quando a lembrança rasga essa ferida
Que tanto punge e tanto desespera;

Que teu lábio rezara, em mim pensando
Quando longe de ti, do meu degredo,
Eu vagava, a chorar, os pés sangrando
Nas urzes tredas do caminho tredo.

Ai! minha mãe, por isso agora, quando
Junto ao lugar sagrado onde repousa
Teu corpo, eu venho, em pranto, me arrastando
Para beijar a funerária lousa,

Perseguem-me em soturna procissão
Os fantasmas senis do meu passado,
Rezando o réquiem da recordação
À luz feral de teu olhar velado!

MINHA MÃE

L. J. VASCONCELLOS
(1902)

Neste quadro solitário
A sombra do campanário
Talvez encontre o lugar;
Onde sem dó e cruelmente
Vieram os tristes viventes

A minha mãe sepultar.

E aqui achei a terra,
Que amada coisa se encerra
A quem tanto em vão;
Cadáver da mãe querida
Que nainh'alma dera vida
Neste mundo de ilusão!...

Se tens força abre o caixão,
Surge da fria gelada
Vá na região estrelada
Conversar com o Senhor Deus
Vá gozar a doce palma
Vá habitar lá nos céus.



A DOR DE UM FILHO

ANTÔNIO BASTIN GAMA
(1919)

A minha mãe morreu! Que dor aguda
Que me estrangula o coração aflito
Como depressa a sorte se transmuda,
Como o destino meu se fez maldito!

Morta! De dentro dessa campa muda,
Já nem mais ouve o desolado grito,
Que neste verso a minha dor desmuda.
E o pranto faz-me gotejar, bendito!

Mas que o seu nome seja-me o fanal,
Para eu buscar o bem, deixar o mal,
Da vida neste pélagos profundo.

E que a lembrança deste nome santo
Sempre me assista, embora meio ao pranto
Até que eu deixe este maldito mundo?

MÃE

VALE E SILVA
(1898)

Vi-o: tinha no olhar as ânsias, o abandono,
As tristezas mortais de um mal indefinível
Parecia viver num como estranho sono,
Extasiado do além, do vago, do invisível.

A tísica o minava: o doce amor materno
Inda o prendia à vida, inda o ligava ao mundo:
E somente este amor imensamente terno
Alentava-lhe o peito exausto e moribundo.

Ao vê-la confortando-o, eu, torturado e mudo,
Recordei-me em pesar dessa longínqua idade
Onde nossa alma encontra, amargurada, em tudo
Uma sombra de amor, de mágoa e de saudade.

Veio-me a recordação de minha mãe piedosa:
Oh céus! porque jamais senti essa ventura
De tê-la junto a mim, de ouvir-lhe a voz saudosa,
Saudosamente doce e docemente pura!

Ela partiu tão cedo! E agora vendo o pranto
Desse enfermo, imagino-o o orvalho doloroso
Florindo o ciprestal do escuro Campo Santo
No coração entregue a fúnebre repouso...

QUE ÉS MINHA MÃE?!...

C. O. SOUZA
(1906)

Que tu és minha mãe?... deusa adorada,
Pura imagem da dor, um anjo santo,
Luzeiro divinal de minha estrada,
Meu culto, minha crença, encanto;

Mulher meiga, sublime, imaculada,
Alento do pesar que sofro tanto,
Modelo da bondade, alma sagrada,
Que no riso d'amor me enxuga o pranto!

Se na vida fosse esse portento,
Essa mãe que nos vela enternecida
Quem sofrer poderia o vil tormento?!

Bendita sejas, deusa querida!
Bendita sejas tu, suave alento;
Amor de meus avós — A minha vida!



A MEU ALGUÉM

DA COSTA E SILVA
(1910)

Maio. No azul do céu o azul dos olhos ponho;
E, olhos no azul, as mãos em cruz, lábios em prece,
De joelho rezo, e não sei bem se cismo ou sonho,
Quando a etérea Visão de alguém sobre mim desce.

Que encanto celestial no seu perfil tristonho!
É tal qual à Ilusão que em minha alma floresce!

É tão linda, Senhor ! tão lindo que eu suponho
Ser tua Mãe que o céu descendo me aparece...

Uma sombra de luz, a Visão acompanha...
(Uma sombra de luz Sombra?I... Parece um raio
De sol a cintilar numa teia de aranha).

Minha mãe! és o Alguém que a mim desce, entre o brilho
Diluyente e vago de um crepúsculo de maio...
— A sombra de ouro é o pensamento de teu filho.

SONHO SIMPLES

MARIO PINTO DE SOUZA
(1904)

Já que não posso, como a alguns é dado,
Ter junto ao meu teu coração pulsando;
Já que não posso estar sempre ao teu lado
E a Lace te beijar, de quando em quando;

Faço por iludir meu triste fado,
O teu retrato, minha mãe, fitando,
E triste, triste, em teu retrato amado
Beijos de amor e de saudades dando.

E às vezes, mãe, quando escurece o brilho
Do coração daquele que é teu filho,
O teu olhar no meu retrato posto,

Digo a mim mesmo, como que em segredo:
— O meu maior, o meu maior desgosto,
É ter perdido minha mãe tão cedo.

ILUSÃO DIVINA

(À memória idolatrada de minha mãe)

ZILDA GAMA
(1902)

Não, minha Mãe, tu não me abandonaste
Qual uma ave que o seio balearam
E ao ninho seu não volta!
Eu te sinto ao meu lado, boa e terna,
Qual um Anjo da Guarda — protetor,
Enflorado de bênçãos e carinhos
Iluminando as sombras de minh'alma...
E, quando minha fronte cismadora
Pende, e meus olhos lágrimas destilam:
Eu sinto a pluma albente de tua asa
— Como um pálio de gaze rociada —
Adejar-lhe, de leve,
Extinguindo-lhe as pérolas de fogo!



À MINHA MÃE

JOSÉ NEWTON
(1888)

Quando alvorece a mocidade à gente,
Como estrela em demanda do infinito
Entra nossa alma a procurar ardente
O casto afago de amor bendito.

E quando o sonho se desfaz em nada
E, ao baquear das rútilas esferas,
A pobre mocidade tresloucada
É como um cemitério de quimeras,

As mães, asas febris dos nossos ninhos,
Doces pombas do céu que um dia esquecem,
Se nos veem sofrer, têm carinho
E generosas lágrimas que aquecem.

Minha mãe! se não podes, doce aurora,
Ao vácuo enorme em que me vejo imerso,
Lançar o olhar que me aqueceu outrora,
A leve mão que me embalou o berço.

Que o teu afeto, atravessando o espaço,
Transpondo a vastidão do mar profundo,
Venha vestir-me uma armadura de aço
Para a luta sem trégua deste mundo.



À MINHA MÃE

PHELIPPE DERBLAY
(1886)

Ó minha doce mãe, eu tenho dentro d'alma
Um cofre de ilusões, um cofre de incertezas;
E dentro de meu peito — ninho sem beleza —
Implume quer voar um coração sem calma.

Uns estos de ternura eu tenho para te dar
Em troca d'esse amor puríssimo, divino,
Eu tenho, ó minha mãe, eu tenho um riso, um hino
Para sempre, em quanto viva, os sonhos te embalar.

Por todo o teu amor — os louros que eu procuro
Os sons do meu cantar, a voz do coração,
E ainda mais que tudo, eu tenho o meu futuro.

Para amar a Deus e a ti, eu tenho a oração;

Mas vê, sou fraco e pobre. Em meu pensar escuro
Acende, ó minha estrela, a luz da inspiração.



À MINHA MÃE

A. PRAXEDES LIMA
(1904)

Não raros na cabeça te aparecem
Argênteos fios, que mais bela a tornam,
E esses cabelos brancos que te adornam
Todo o meu culto e o amor merecem.

À medida que as rosas se emurchecem
Da tua cútis, outras flores ornam
A tua alma gentil e em ti entornam
Raros perfumes que minh'alma descem.

Em vão o tempo, a desventura, a sorte
E dos males a intérmina coorte
Lutem contigo, minha terna santa.

Em vão! Encaras tudo frente a frente;
E uma alergia sempre renascente
Dentro do coração palpita e canta.



PARTIDA

SILVA BRAGA
(1905)

Parto, levando o peito esfacelado
Pelo cruciante espinho da saudade;

Ao deixar minha mãe e o ninho amado
Eu deixo a vida, a fé, a mocidade!

Nauta sem norte, em meio à imensidade
Do mar da vida — pélogo insondado,
Tenho por leme a meiga claridade
Do olhar de minha mãe, doce, abençoado.

A madrugada em festa, alegremente,
Saúda o sol, que além vem despontando;
Gorjeia o passaredo folgazão.

E eu, estrada em fora, tristemente,
As minhas mágoas, triste, vou chorando,
Porque parto deixando o coração!



MÃE

(A João Guimarães Salgado)

FAGUNDES FILHO

(1905)

Quem já não tem esse carinho santo,
Quem vive só, sem afeição sincera,
Quem não tem mais esse divino encanto,
Quem não tem mais, e tê-la quem me dera!

Enfim, quem não tem mais esse ente amigo
Tesouro que possuí a natureza,
Mudado traz o peito num jazigo
E o Coração em esquife de tristeza.

Assim, quem não recebe mais, risonho
A essência pura dessa flor seleta,
Da vida tão somente tem um sonho,

É um ente que não vive, mas vegeta.



O CANTO DE MINHA MÃE

IVAÍ GUIMARÃES
(1939)

Mãe!

tu foste embora e me deixaste só.
e eu fiquei a errar, neste mundo, sozinho,
como um traste mesquinho,
inútil como o pó.

Fiquei como um farrapo à toa,
como um inseto daninho,
como um fósforo riscado
que se deixa abandonada
à margem do caminho.

Tu foste embora e me deixaste só.
Quem não tem mãe, não tem ninguém;
é como o pó.

Saudade da luz terna dos teus olhos
embaciadas pelos tormentos
que eu te causei sem querer.
Mãe, eu era pequeno quando te aborreci.

Não te peço perdão
pois toda mãe perdoa
sem que o filho o peça.
Quem foi mãe sempre é mãe;

mas um filho sem mãe é como um trapo inútil
é como um fruto caído,

corno um traste mesquinho,
como um fósforo riscado
que se deixa abandonado
à beira do caminho.

A VOZ DA MINHA MÃE

CARLOS CHIACCHIO

(1938)

A voz de minha mãe era tranquila,
Suave, mansa, branda, como um ai.
— Muito ao contrário: A de meu pai
Era voz alta, enérgica, sonora.
— Tremia só de ouvi-la.

A voz de minha mãe era canora.
E além de branda como um ai,
Era simples, bondosa como um sim.
— Muito ao contrário: A de meu pai
Era voz de clarim
Ou de trovão.
Profunda, dominadora
E forte como um não.

Quando minha mãe falava,
Já eu sabia —
Algo de bom naturalmente havia
Que me esperava.
— Muito ao contrário do falar sisudo
Grave e rude
De meu pai: Sempre a lição
Da Experiência.

A vida deu-lhes razão:

Era meu pai — a força.
Era minha mãe — o coração.



CASTIGO REDENTOR

LUÍS PISTARINI
(1938)

Não te envergonhes nunca do teu crime!
Por mais que te ele de remorsos vare.
Beija-lhe o fruto, e, à luz que te redime,
Despreza o modo porque o mundo o encare!

Ser mãe — é um poema que se não exprime:
E muito embora um sol de amor o aclare,
Não há inverno que se lhe aproxime
Nem primavera que se lhe compare...

Deixa que, sobre ti, chovam ápodos!
— Da Sociedade os preconceitos todos
Bem pouco valem, de banais que são!

Mãe — ninguém pode macular-te o brilho.
— Pecaste... Porém, Deus, dando-te um filho,
Deu-te o castigo e deu-te a redenção...



O CANTO DA INDIGÊNCIA

HEITOR LIMA
(1905)

Como um terrível açoite
O vento zurze, esfuzia,

E aumenta o horror à invernia
— Negra, insondável — a noite.

Pelas frinchas da cabana
Penetra, aos flocos, a geada.
E a ventania, arrojada,
Acomete, arruína, dana.

A palhoça, a que mal cobre
Teto de colmo, vacila.
Não existe em toda Vila
Outra choupana mais pobre.

Uma menina, que a fome
Abate, linda e trigueira,
Está sentada à lareira,
De onde o fogo já se some.

A miséria transparece,
Desoladora, maldita,
Na enxerga onde a mãe se agita,
No berço onde o irmão fenece.

E o pobrezinho, que verga.
A suplícios raladores,
Chora. E a mãe, ante essas dores,
As próprias dores posterga.

— “Filha!” chama. Prontamente.
Corre a filha ao pobre leito,
Onde, o semblante desfeito,
Em ânsias, se estorce a doente.

— “Teu irmãozinho é quem chora?
Podes dizer sem receio...
Quisera dar-lhe o meu seio,
Como te fazia outrora.

Mas não consigo, querida,
Levantar-me. Tu me ajudas?
Meu Deus, que penas agudas!
Que sofrimentos! Que vida!"

Mas, terna, diz a criança:
— "Mãezinha, não te incomodes!
Pois tu não vês que não podes
Erguer-te? que isto te cansa?"

Olha: vou vê-lo, mãezinha.
Repousa, sim? Eu te rogo.
Dorme!" E, solícita, logo
Para o berço se encaminha.

Um sofrimento infinito
Prostra-a. No entanto, chorando,
Põe-se a cantar, embalando
O berço do pequenito.

À MINHA

JORGE JUBIM
(1925)

Infante, imaginei ver-te velhinha,
E eu, homem feito, a te amparar na idade;
A mão, trêmula e murcha, presa à minha
Mão farta e cheia de virilidade.

Mas quem do Fado as voltas adivinha?
Seus mil arcanos perscrutar quem há de?
Foi-se-me o sono que contigo vinha
Encher-me as horas de felicidade.

Sei, porém, que, se o páramo estrelado,
Com a bem-aventurança e a luz que encerra,
Desertar, afinal, te fosse dado,

Trocarias o céu, a pompa e o brilho
Pela miséria e escuridão da terra,
Para, na terra, ainda abraçar teu filho!



À MINHA MÃE

ANASTÁCIO JOSÉ
(1857)

Suspiros e prantos, gemidos, lamentos,
Dos negros tormentos d'ausência penosa
Oh! mãe carinhosa, definham-me a vida
Em uma iludida esperança, enganosa!

Um canto sentido,
De mágoa nascido
Eu, mãe, anelava
Aqui te ofertar;
Mas, neste momento
Debalde eu intento,
Apolo mo nega,
Não quer me inspirar.

Debalde eu intento, é em vão meu almejo,
E já antevejo que em vão tentarei,
Que nunca serei bem ou mal inspirado.
Meu plectro forçado jamais tangerei.

Findou-se a alegria
Que dantes havia,
Oh! mãe adorada,

Que sempre senti,
Quando essas delícias
De tuas carícias,
Que ou hoje recordo,
Mui lodo frui.

E oh! mãe carinhosa, meus lábios gelados
Do peito, coitados, não sabem contar
O duro penar, a saudado amargosa!
Ai! mãe bondosa! Não posso acabar!

À MINHA MÃE

MÁRIO CARVALHO
(1914)

Não me acodem, agora, inspirações,
P'ra exprimir meu amor para contigo,
Trocar devemos nossos corações,
Porque sou eu o teu maior amigo.

Vivo por ti, oh minha mãe querida;
Juro e prometo só a ti o amor
Pensando assim enquanto a minha vida
For concedida pelo Redentor.

Tu és o meu amor de todo instante.
Amor profundo que me invade o peito.
E o grande orgulho que minh'alma sente,

Juro e prometo sempre ser constante,
Pensando que meu coração foi feito
Para ti, minha mãe, eternamente;

À MINHA MÃE

M. OLIVEIRA
(1912)

Bem singela porém grande e pura
É a palavra *mãe* que tudo diz
Com ela menos forte é a amargura
É também ela que nos faz feliz.

Voltei os olhos bem para o passado
Com cuidado voltei-os para o futuro
Amor como o do ser por nós amado
Jamais encontrareis tão grande e puro.

Se a dor de um sono calmo te sacode
Ainda que também dores sofrendo
A ti verás em breve ela correndo

E solícita ligeira ela te acode
Na parte dorida a mão pousando
A dor mais que ligeira vai passando.



À MINHA MÃE

ÁUREA M. DE SIQUEIRA
(1901)

No teu viver cruel, de dor cheio de abrolhos
És qual o viajor a bordejar sem norte
Em densa cerração perdido nos escolhos

Daria minha vida inteira, num transporte
P'ra te restituir a luz aos tristes olhos.
Mas... quem sabe! talvez eu te apressasse a morte!...

Talvez te amargurasse os últimos instantes!...
Sem me veres, ver tudo... Oh! que suprema dor!
Que os nossos corações se juntem, queres antes
Qual de asas um sentir de tépido calor.

Seguiremos assim... cansadas e anelantes
D'árdua senda a vencer o intérrimo labor
Na vida eu guiarei teus passos vacilantes
E o meu guia há de ser o teu sublime amor.

MÃE

MARIA DE ALMEIDA
(1935)

Dessa palavra augusta é que promana
Da divina criação a pura essência;
Do bem a origem e da Moral a ciência,
Toda a grandeza da existência humana.

Nesta palavra Mãe — quanta eloquência!
Mas, se de havê-la criado, Deus se ufana,
Nossa linguagem áspera e profana
Não enuncia a sua transcendência.

Vencedora na Dor — no Amor vencida,
Mãe, quanto mais te exaltas mais humilho,
Ser mãe é ser glorificada em vida!

É das virtudes todas ter o brilho,
Do Universo a grandeza indefinida...
Deus também teve Mãe — Deus quis ser filho!

OS OLHOS DE MINHA MÃE

REGINA GLÓRIA GUIMARÃES

(1932)

Luzes benditas sobre a minha vida obscura,
Que espargue o amor materno — imenso lampadário!
Sendas que me levais à região tão pura
Onde esse amor palpita em amplo santuário!

Notas sentimentais da humana partitura,
Caprichoso labor do Artista extraordinário!
Páginas de orações e fina iluminura,
Minha leitura sã, meu vívido breviário!

Olhos de minha mãe! oh luzes peregrinas!
Vós possuíis o dom de irradiar esperança
Entre cintilações de verdes turmalinas!

Nos alcantis da dor, nos crespos torvelinhos,
Em vossa chama encontro eflúvios de bonança,
Vejo estrelas nos céus, flores pelos caminhos...



CHORANDO

E. J. OLIVEIRA

(1922)

Quem por acaso me vir chorar,
Por Deus, não queira zombar de mim.
Também não queira me consolar
Pois o meu pranto não terá fim.

Eu choro a perda da mãe querida
Que somente me sabia amar.

Seus carinhos me davam vida
Seus conselhos vinham me animar.

No entanto, morres e oh! Mãe bondosa,
Mas no meu peito tu viverás.
Mesmo na campa silenciosa
Todos meus passos tu guiarás.

Fugiu já de mim toda alegria
No mundo jamais terei prazer.
Uma fé me resta nesta vida
É ver minha mãe quando eu morrer.



QUANDO MORRERES

PERY GUANABARA
(1930)

Quando morreres, minha mãe querida,
Quando vencer-te o derradeiro sono.
A minha vida, após teu abandono,
Verei, também, por certo, sucumbida!

Mas, imutáveis são as leis da Vida
E, embora eu rogue a Deus não vir o Outono
Vencer-te, enfim, num derradeiro sono,
Sucumbirás, ó minha mãe querida!

Porém, se acontecer tão cedo
Que te libertes deste vil degredo
Sem te despedires de mim sequer,

Falo confiante em que há de honrar teu nome
— Esse Bem a que o Tempo não consome —
O fruto de teu ventre de Mulher:

SAUDADES

(À *minha mãe*)

FRANCISCO COELHO MARTINS

(1856)

Atra saudade o coração me oprime
Com a dor intensa de meus tristes carmes.

Sentidos ais

Há já dois lustros que proscrito, errantes,

Incerto os passos nesta senda trilha

Sem ver meus Pais

Se a lira tomo, mais o pranto excita

Quede meus olhos incessante corre

Por minhas faces;

Já não encontra bonançosas brisas

Que noutros tempos a beijar-me vinham

Ledas fugaces

O quanto é doce minha mãe querida,

Após da lida que suporte atroz.

Nas curtas horas em que o céu me inspira

Pegar na lira, me lembrar de vós.

Então me sinto transportado a um mundo

Novo, fecundo de feliz magia,

E nele vejo radiante e pura,

Maga ventura, que gozar queria.

Dentre mil flores dum odor fragrante

Vejo brilhante, deslizar-se um véu,

A pouco a pouco remontar-se às nuvens

Das mãos de Rubens, o retrato teu.

Nesse momento de ilusão tão casta

Ele se afasta, que mais vejo! — Deus —

Que lá do Empíreo, rodeado de anjos;
A par de arcanjos o conduz aos céus!

O quanto é doce minha mãe querida
Após da lida que suporte atroz,
Nas curtas horas em que o céu me inspira,
Pegar na lira me lembrar de voz.

Aos dois lustros e dois anos
Minha mãe, que te deixei,
Não sabia,
Prezar teus doces carinhos
Que tão cruel desprezei
Num só dia.

Nem as lágrimas piedosas,
Que de teus olhos brotavam
Só de amor.
Nem os suspiros magoados
Que de teu peito manavam
Pela dor.

Nem os queridos abraços
Que a teu colo me cingiam
Com ternura
Nem as frases maternais
Que teus lábios desprendiam
De candura.

Nem teus amorosos beijos
Que com transporte me davas
De mãe triste
Nem o teu último — Adeus —
Quando de mim te apartavas
E fugiste.

Aos dois lustros e dois anos

Minha mãe, que te deixei,
Não sabia.
Prezar teus doces carinhos
Que tão cruel desprezei
Num só dia.

Parti: e deixei-te sofrendo mil dores,
Deixei os frescores das brisas sem par:
O seu ciciar: E por quê? por tremendos
Bramidos horrendos das ondas domar.

O tempo mudou-se da minha ventura,
A voz da natura em meu peito ecoou,
Mas tarde chegou... e mui longe senti
O bem que perdi, o meu pranto o mostrou.

Cresceu a saudade no meu coração
A luz da razão me animou a sofrer,
Para um dia te ver, uma vez abraçar-te.
Mais nunca deixar-te, contigo viver.

E então a teu lado
Libando as delícias
De tuas carícias
Minha mãe, sem par:
Eu quero cantar
No meu alaúde
Um hino que mude
Teu agro penar.

Quero ver teus olhos
De chorar pisados
Pela dor magoados
De tanto sofrer;
Ah! sim, queremos ver
De novo brilhar
Seu júbilo mostrar

Fulgir de prazer.

Depois que me importa!
Que a Parca sedenta
De meu sangue, intenta
Meus dias torcer,
Me vinha dizer
— Teu fim já chegou
Agora aqui estou... —
— Já posso morrer! —

MINHA MÃE

CLAREL GAVIRAGHI
(1979)

Sentado na soleira da porta
Neste entardecer calmo de melancolia
Recordo-te mamãe com saudades
Do carinho e ternura de passados dias.

Lembro do que me ensinaste
Da verdade, do amor e bom exemplo
Me indicaste sempre o caminho certo
Quando íamos juntos orar no templo.

Mãe és refúgio de bondade e afeição
Não te esqueço nem sequer um segundo
Por seres dedicada, terna e amável
E possuíres o coração maior do mundo.

Recebe a homenagem neste dia
Deste a quem lhe deste a vida
Que no seio do convívio familiar
Continuarás sendo sempre a mais querida.

MINHA MÃE

ÚRSULA TRAPP
(1978)

Com três letrinhas apenas
se escreve a palavra MÃE:
E das palavras pequenas
A maior que o mundo tem.

Mãe — sinônimo perfeito
De sacrifício e de amor
Tendes espinhos no peito
E aos vossos filhos dais flor.

Ó Mãe, canta-me as cantigas,
Com que outrora me mimavas!
Quero que alegres meu túmulo
com o riso que ao berço davas.

Mãe! Acima de tudo, acima
do céu, te devemos pois
O teu nome não tem rima
Nem limite o teu amor.



DIA DAS MÃES

ÚRSULA TRAPP
(1978)

Mãe! A primeira palavra
Que pronuncia a criança;
São as letras de seu nome:
Martírio — Amor — Esperança

Mãe! Palavrinha que encanta;
Com três letrinhas somente,

Lembra o nome de uma santa,
Louvado por toda a gente.

Você me chamou de pobre,
No que disse, pense bem.
Sou mais rico que você,
Tenho mãe, você não tem.



SONETO PARA MINHA MÃE

CORREIA JÚNIOR

Quero beijar-lhe o rosto, bem de leve,
assim como no altar se beija a santa;
afagar-lhe os cabelos cor de neve;
ouvir-lhe a voz brotando da garganta.

Quero dizer-lhe, num momento breve,
que o seu amor de mãe o meu suplanta.
E então minha alma ao seu olhar se eleva,
como a estrela na tarde se levanta!

Quero gozar o amor puro e materno,
e ao sol poente dos seus olhos baços,
aquecer as manhãs do meu inverno.

Quero, livre de mágoas e fadiga,
adormecer chorando nos seus braços,
como quem reza numa igreja antiga.



ACALANTO

JOSÉ LANNES

Sobre alvo berço num coração palpita,
para o seu amorzinho adormecer,
a mãe lhe conta a história mais bonita,

de Jesus, que só as mães sabem dizer.

Mas o filho, ao final, todo se agita
numa curiosidade, por saber
se alguma vez Nosso Senhor visita
as crianças que muito o querem ver.

E a mãe: — Jesus tem um trabalho enorme,
só alta noite, quando tudo dorme,
pôde Ele vir... Então, envolto em luz,

Nos sonhos das crianças resplandece.
Dorme... Daqui a pouco ele aparece.
Dorme, filhinho, que verás Jesus.



MEU FILHO

ANNA AMÉLIA CARNEIRO
(1932)

Tomo entre as minhas mãos tua cabeça,
filho querido, e esqueço tudo mais.
Quem há que não esqueça
a vida, as coisas vãs, convencionais,
tendo entre as duas mãos a cabeça querida
de um filho que nasceu da nossa vida?
Corro os olhos, e penso na grandeza
que esse pequeno cérebro resume:
espírito em botão, que hoje presume
ser o centro de toda a vida humana,
de toda a natureza.
Que para lhe sorrir de flores se engalana,
uma cabeça de criança,
que encontra a providência
como um deus tutelar no carinho dos pais,
e cuja enorme ciência
é contar até dez e dizer as vogais.

Dentro em pouco, porém, esta cabeça frágil,
que começa a reter as imagens e as cores,
será como um vulcão de pensamentos vário,
vibrará no esplendor de auroras interiores,
conhecerá sonho e dores,
abrangerá, sutil, indefinível, ágil,
todas as sensações em surtos tumultuários.

.....

Só quem é mãe pode saber esta emoção
íntima e original,
de sentir entre as mãos, no ser que acaricia
o fruto do seu ser, hoje aurora e poesia,
que há de ser algum dia,
vida em plena eclosão,
uma força a vibrar na vida universal.

.....

E eu sonho, e acaricio o teu cabelo fino.
Em êxtase profundo,
sentindo ter nas mãos, num globo pequeno,
a síntese do mundo.



O AMOR DE MÃE É DIFERENTE DE OUTRO AMOR

ALZIRA BITTENCOURT
(1958)

Como é humilde e manso o amor de mãe!
E como é diferente de outro amor.
Senti-lo é aspirar eternamente,
O suavíssimo perfume de uma flor!

Há tal ternura e tal delicadeza,
É todo feito de clemência e de perdão,
Um misto de inocência e de pureza,
Amor-angelical! Amor-beleza!
Amor que é perfeição.

É um amor silencioso e concentrado!
Tem mais doçuras que outros amores não tem,
Tem a magia desses sons velados
Dos divinais *Noturnos* de Chopin...

MINHA MÃE

ADEMAR TAVARES
(1958)

Era Maria, minha mãe, e tinha
A santidade que esse nome encerra.
Viveu, — nada pesando sobre a terra
Morreu, — como num voo de andorinha.

Quando a sombra da noite se avizinha
E o mistério dos seres descerra,
Fica um resto de poente sobre a serra,
Tal como a tênue vida que a sustinha...

Minha mãe foi um sonho de inocência,
Foi a bondade que se fez essência,
E o sofrimento que se fez perdão.

E Deus quando a levou ao seio amigo,
Vi uma estrela abrir no seu jazigo.
E asas brancas cobrirem eu caixão...

OH, DOCE OLHAR DE MÃE!

CORREIA JÚNIOR
(1958)

Oh, doce olhar de Mãe!
Olhar que nunca ilude!
Meigo e piedoso olhar que,

Sempre ao bem nos guia!
Brilham sóis — se ele ri —
Em nossa solicitude;
Sucumbe — ao choro seu —
Toda a nossa alegria.
Olhar que tem do Céu
A profunda quietude,
Quando no imenso azul
Desponta a flor do dia.
Olhar de cuja luz mal,
Nesta vida, pude
Sentir a suave unção
A ternura, a Magia
Oh, doce olhar de Mãe!
A quantos — loucos, poetas,
Condenados e heróis,
Desleixados e estetas —
Dá ela a calma, o bem,
A harmonia, a coroa!...
Oh, doce olhar que foi
Na angústia do calvário,
O supremo consolo
O grito extraordinário,
Daquela que, a sofrer, ainda
Em pranto perdoa!

MINHA MÃE

MARIA CÂNDIDA DE JESUS
(1958)

No rútilo santuário da memória
Vejo de minha Mãe o doce vulto,
Narrando-me, sereno, a fiel história
De sua vida, e ao recordá-la exulto:

— Extrema singeleza, em vanglória
De homenagens do mundo. Ardente culto
As leis divinas igualando a glória
A caridade em exercício oculto.

Em tais lições os filhos instruía
Com bondade, ternura e complacência
Sob o encanto intangível da poesia;

E, se amava o labor prezando a ciência,
Julgava a religião — sol que a alma guia,
Sublime graça — a paz da consciência.



SONETO À MAMÃE

GONZAGA DA FONSECA

Mamãe! embora estejas tão distante,
penso e imagino ver-te a toda hora:
vejo sempre ante mim o teu semblante,
numa doce expressão comovedora...

Mãe! vejo aquela unção impressionante
de quando o pranto tua face irrorra,
gota a gota, por mim, e a cada instante:
de ti saudoso, em versos choro agora!

E sabes, Mãe, que é que, gradualmente,
deste teu filho o coração definha?
— É o medo de perder-te agora ausente...

É o medo de que, um dia, a fala minha
sobre um túmulo, embalde te lamente:
como viver sem ti, doce Mãezinha?!



SAUDADE MATERNAL...

MANOEL GREGÓRIO
(1930)

I

Minha mãe,
És o anjo que mais adoro,
Por quem vivo e por quem choro
Neste mundo de ilusão!
Minha mãe.
De ti não me esquecerei,
Pois teu nome eu guardarei
Dentro do meu coração!

II

Minha mãe tão carinhosa
Eu te adoro com fervor!
Pois tua alma dadivosa,
Cheia de amor e ventura,
É tão pura e tão bondosa,
Que seu verdadeiro amor,
Cheio de tanta doçura,
É um amor ideal,
Porque não tem rival!

III

Minha mãe,
O teu lar é tão sagrado,
Que se eu vivesse a teu lado,
Oh! como feliz seria!
Minha mãe,
Teu regaço é um paraíso,
Onde eu com prazer diviso
Meu refúgio de alegria!...



QUEM AMO

(À minha mãe)

ISMAEL COSTA

(1930)

A mulher mais formosa idealizada,
Que é para mim a imagem da candura,
Que a sorrir desabrocha uma alvorada,
Que é toda divinal, — santa criatura!

Que nos olhos minh'alma desenhada
Tem na retina casta que fulgura,
Que a voz é poesia bem ritmada
Ao som da lira encantadora e pura...

A mulher que me prende e me cativa,
Que me devota o mais sincero amor,
Que vejo quase sempre pensativa,

Por mim entregue a firme adoração,
É minha mãe, a melindrosa flor
Que tenho no jardim do coração.



MINHA MÃE

JAYME DE OLIVEIRA

São Luís das Palmeiras (1917)

Eu quisera arrancar do peito meu,
Para ofertar-te, como bem mereces,
O pobre coração que Deus me deu
E que padece quando tu padeces.

Mãe! Por ti a minha alma entoa preces!
Por ti todo o meu ser rejuvenesceu.
E a coroa de amor que ao filho teces

É tal como um penhor que vem do céu.

Bendita és tu, pois tu me deste a vida,
E, quando pequenino era o meu ser,
O embalaste no berço enternecida.

Bendita és sempre, ó luz do meu viver!
Ó tu, bondosas mãe estremecida,
Que padeceste a dor do meu nascer!...



CORAÇÃO DE MÃE

JOSÉ DE BARROS LIMA
Timbaúba (Pernambuco)

Alguém que longe, muito longe embora,
sente o que eu sinto, e vela os meus cismares;
canta, se eu canto; mas que seus olhares
choram às vezes se o meu peito chora;

o ser bendito que minh'alma adora,
que repete sorrindo os meus cantares,
mas que, chorando, guarda os meus pesares
na cova santa, onde seu peito mora;

a única mulher que em meu caminho
deu abrigo de amor aos meus desejos,
de coração materno em doce ninho,

essa mulher de quem minh'alma canta
a divinal doçura de seus beijos,
é minha mãe — um corarão de santa.



SAUDADES DE MINHA MÃE

JOÃO AUGUSTO MAGALHÃES

Rio de Janeiro, 1857.

Minha mãe, eu te consagro
Este pobre e rude canto,
O qual saudoso te envio
Orvalhado com meu pranto.

Mãe, esse adeus que me deste
Jamais eu posso olvidar...
Os teus ais de minha mente
Só a morte há de riscar.

"Adeus, meu filho, disseste,
Eu nunca mais te verei!"
Nos meus braços te lançaste,
E eu as faces te beijei.

Ao beijar te deslizarão
Lágrimas por meu semblante;
Tristes lágrimas nascidas
No peito dum filho amante.

"Nunca me esqueças, disseste,
E tua pátria também;
Pois, eu filho, amo-te muito,
Amo-te como ninguém."

"Não esquecerei, respondi-te,
A minha terra natal,
Os teus beijos, teus carinhos,
O meu belo Portugal."

Queria partir tu choravas,
Choravas muito... meu Deus!...
Arranquei-me de teus braços,

Dando-te o último adeus.

Terrível e muito amarga
Foi esta separação!...
Que, tu, amavas-me muito
Do fundo do coração.

Sobre a tolda do navio
Tristes momentos passei;
Minha pátria me lembrava,
E a mãe que nela deixei.

Por mil saudades mirrado
No exílio, agora, definho;
Gemendo na soledade,
Sem ter de mãe um carinho.

Lê minha mãe, este canto,
Lê-o com toda a atenção;
Estima o que é de teu filho
Nascido no coração.



MINHA MÃE

J. J. BARBOZA DE CASTRO
(1856)

Na invicta cidade saudoso apertara
Os peitos arquejantes de meus ternos pais,
A benção me deram banhados em lágrimas
Me vendo também sufocados com ais.

Cuidava com fé que depressa viria
A pátria adorada venturas gozar,
Que doce existência na vida se passa
Com fé no futuro contente a esperar!...

Mas que desventura devia chegar-me
Neste mundo estranho, proscrito a vagar...
Perdi minha mãe carinhosa, na pátria,
Sem que minha mãe eu pudesse abraçar.

Agora se eu for algum dia p'ra terra,
Que mil pensamentos por ela terei!
Na lousa cinzenta que guarda seus restos
A Deus piedoso por ela orarei.

No chão de joelhos com mãos encruzadas
Amante elevando submisso até Deus
Com prantos e rezas do peito nascidas
A Deus pedirei que ela esteja nos céus.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com